

Programa de Lula depende da economia

Adauto Cruz 21.9.95



Fila de desempregados: menos horas de trabalho como solução para o PT

Leonardo Cavalcanti
Da equipe do **Correio**

O programa do candidato da frente de oposições, Luiz Inácio Lula da Silva, relaciona a geração de empregos ao crescimento mínimo do país em 6% ao ano. O índice é quase o triplo da expectativa de desenvolvimento do Brasil em 1998 — a previsão de crescimento para este ano é de 2% até dezembro — e está ligado a uma série de pontos que ainda não foram detalhados nas *Diretrizes do Programa de Governo* apresentado por Lula na segunda-feira.

“É uma taxa de crescimento possível de ser alcançada. É preciso, no entanto, algumas condições para que isso aconteça”, diz o professor da Fundação Getúlio Vargas, o economista Felipe Ohana. Segundo ele, para crescer, o país precisa ter um índice de poupança doméstica maior do que a verificada atualmente e aumentar o seu grau de competitividade com os países estrangeiros. “Isso significa exportar mais, sem precisar importar tanto”.

No programa da frente das oposições, o item que mostra os compromissos de Lula com a geração de empregos apresenta oito propostas, que vão desde a redução da jornada de trabalho e o desestímulo ao uso de horas-extras até a

proibição efetiva do trabalho infantil. “Para ter crescimento econômico é preciso fazer escolhas que quase sempre prejudicam programas sociais.

O problema é que a poupança nacional é uma só e não há dinheiro para ficar jogando para todos os lados”, observa Ohana.

Algumas dessas escolhas do partido foram apresentadas timidamente no programa: a doação de créditos públicos para a criação dos chamados *Bancos do Povo* para cooperativas, micros, pequenas e médias empresas, a criação de programas especiais para jovens em serviços à comunidade e o assentamento de um milhão de famílias, na tentativa de criar três milhões de empregos.

Mesmo com o compromisso de implementar as propostas, Lula ainda não disse de onde vai tirar o dinheiro para viabilizá-las. “É importante que isso fique claro até as eleições.

Os eleitores precisam saber quais as escolhas serão tomadas”, afirma Felipe Ohana.

MODERADO

Mesmo sem detalhes, Lula conseguiu apresentar um programa moderado. O objetivo está claro: não assustar o mercado financeiro. O próprio governador do Distrito Federal, Cristovam Buarque, pro-

pôs a manutenção da atual equipe econômica nos primeiros 100 dias de um governo petista. “A defesa da extinção da CPMF é fazer o jogo dos banqueiros — a contribuição que financia uma parte do orçamento da saúde permite um raio x das instituições financeiras.

Lula mostrou que é amigo dos banqueiros”, brincou o professor do Departamento de Ciência Política da Universidade de Brasília, David Fleischer.

CONTRADIÇÃO

Para ele, a expectativa de crescimento de 6% em um ano, de qualquer forma, é quase uma contradição. “O mercado financeiro espera um crescimento mais solto do país nos próximos anos. Para fazer essa aposta, esse mercado tem contado com a queda nas taxas de juros e com o dinheiro das privatizações que o governo pode dispor.

Pelo menos em relação às privatizações, conhecemos as restrições de determinados petistas”, observa Fleischer, que recomenda prudência numa possível vitória da frente das oposições na corrida presidencial.

“O crescimento de 6% é considerado uma taxa elevada e pode aquecer demais a economia, podendo causar problemas como a volta de um velho fantasma: a inflação”.